



IDENTIDADES DOCENTES DE PROFESSORES/AS RIBEIRINHO/MANAUS/AM

Teaching identities of teachers ribeirinho/Manaus/Am

Michel Bruno da Silva Carvalho¹

Lucilene Pacheco Santos²

Adriana Ferreira Barbosa Silva³

Resumo

O Brasil é um país com uma grande diversidade humana e cultural, resultado de sua história de colonização por diferentes povos que se destaca principalmente nas regiões ribeirinhas da Amazônia, onde a população rica em experiências e conhecimentos. Essas comunidades algumas em locais distantes e de difícil acesso, o que demanda uma abordagem pedagógica diferenciada por parte dos docentes ribeirinhos. Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo analisar e refletir a formação da identidade docente ribeirinha por meio das observações presentes no cotidiano escolar, durante as aulas da pós-graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente (formação continuada ofertada pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA). Foi adotada uma metodologia descritiva, utilizando uma abordagem qualitativa, dividida em duas fases: bibliográfica e empírica. Os dados foram coletados por meio do método de análise do discurso. A pesquisa foi realizada em uma escola em tempo integral localizada na zona rural da cidade de Manaus-AM. As principais fontes de dados foram a observação e as entrevistas com os/as professores/as, além das referências bibliográficas. Os resultados mostraram um fazer docente balizado na preservação das culturas e identidades dos discentes ribeirinhos por meio de práticas cotidianas, curriculares e práxis pedagógicas.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas; Identidade docente; Escola ribeirinha.

Abstracts

Brazil is a country with great human and cultural diversity, the result of its history of colonization by different peoples that stands out mainly in the riverside regions of the Amazon, where the population is rich in experience and knowledge. These communities are some in distant and difficult to access locations, which demands a different pedagogical approach from riverside teachers. In this way, this research aims to analyze and reflect the formation of riverside teaching identity through observations present in everyday school life, during postgraduate classes in Project Management and Teacher Training (continuing training offered by the State

¹ Graduado em Licenciatura em pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas- UEA. Egresso e aluno da especialização Gestão de Projetos e Formação Docente também pela UEA. mitchel.emmerich@gmail.com

² Mestre em Educação. Professora pesquisadora do LEPETE/UEA/CNPq; Coordenadora Pedagógica do PAD; Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/Semed/Manaus lucilene.santos@semed.manaus.am.gov.br

³ Coorientadora – Escritora amazonense, Especialista em Docência da Educação Básica/UFAM, membro do LEPETE/UEA/CNPq, professora formadora da SEMED/Manaus. dricafbs@yahoo.com.br



University of Amazonas – UEA). A descriptive methodology was adopted, using a qualitative approach, divided into two phases: bibliographic and empirical. Data were collected using the discourse analysis method. The research was carried out in a full-time school located in the rural area of the city of Manaus-AM. The main sources of data were observation and interviews with teachers, in addition to bibliographic references. The results showed teaching practice based on preserving the cultures and identities of riverside students through daily, curricular and pedagogical practices.

Keywords: Pedagogical practices; Teaching identity; Riverside school.

INTRODUÇÃO

A formação do professor ribeirinho tem sido objeto de investigação e pesquisa ao longo dos anos, devido à sua realidade desafiadora, que começa com o deslocamento do professor de sua residência até a escola. Para chegar lá, é necessário utilizar transporte urbano (carros, motos e ônibus) até a Marina do Davi⁴, onde um barco disponibilizado pela prefeitura é utilizado para atravessar o rio e chegar à escola. A pesquisa em questão foi realizada em uma escola de tempo integral, localizada na comunidade do Abelha, na zona rural de Manaus-AM.

O objetivo deste trabalho é analisar e refletir a formação da identidade docente ribeirinha através das observações presentes no cotidiano escolar, principalmente durante as aulas da pós-graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente. Durante nossa estadia na escola, entendemos que além do domínio do conteúdo a ser ensinado, é necessário também ter um olhar para outras questões relacionadas à realidade da escola ribeirinha. Ao longo do tempo, foram desenvolvidas habilidades de adaptação às demandas do cotidiano, o que torna esses assuntos pertinentes para discussão sobre a atuação docente no ensino fundamental.

Com foco na formação dos alunos/cidadãos e na autoformação, o/a professor/a precisa compreender o meio e o contexto em que está inserido, bem como os limites

⁴ Localizada na Ponta Negra zona Oeste de Manaus/Am, funciona o Porto da Cooperativa dos Profissionais de Transporte Fluvial da Marina do Davi – ACAMDAF, que presta o serviço transporte para as comunidades do Tarumã Açú, Tarumã Mirim e demais localidades ribeirinhas no entrono de Manaus no Rio Negro.



que possui para contribuir com suas práticas. É necessário traçar estratégias para envolver estudantes no processo de aprendizagem, de forma que cada um se perceba parte integrante do currículo da instituição e que, ao longo dessa trajetória de formação cidadã continuamente.

Essa trajetória não se dá de forma isolada. Espera-se que na prática construam estratégias de análise e investigação sobre os saberes abordados no currículo escolar, colaborando assim com a proposta da instituição em que trabalha. Feldmann (2009) ressalta:

Formar professores com qualidade social é compromisso político de transformação, tem se mostrado um grande desafio às pessoas que compreendem educação como um bem universal, como espaço público, como um direito humano e social na construção da identidade e no exercício da cidadania (p.71).

A partir deste contexto, necessitam pesquisas relacionadas a novos modelos de gestão universitária e formação docente. Barroso (2007, p. 138) nos diz que, “assiste-se assim, cada vez mais a uma integração entre o campo da formação e o campo da organização que leva uma articulação (ou mesmo simbiose) das situações de formação as situações de trabalho”. O autor relata que há convergência entre a evolução dos modelos e aportes teóricos da formação continuada e a evolução dos modos de organização e administração escolar, traduzindo-as nas propostas de articulação entre situações no trabalho e na formação.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE RIBEIRINHA

A construção da identidade profissional do/a professor/a ribeirinho está intrinsecamente ligada às características peculiares desse ambiente e às experiências vivenciadas por esses profissionais. Docentes ribeirinhos atuam em comunidades localizadas nas margens de rios, muitas vezes distantes dos grandes centros urbanos. Essas comunidades possuem particularidades culturais, socioeconômicas e educacionais que impactam diretamente na formação e atuação desses professores.



Perante a formação docente e do espelho dessa formação no discente, entramos em consenso com Estevão (2007, p. 29) quando nos relata que “esse é um campo de estudo, nem sempre muito fácil, dada a multiplicidade de tendências e tensões que a perpassam, intimamente articuladas as diferentes racionalidades que, hoje em dia, atravessam o campo social e educativo e particularmente a escola”. Desta forma, necessitamos compreender o processo de formação da identidade docente, assim como, sua prática, experiência profissional e os conhecimentos compartilhados no ambiente educacional.

A identidade profissional do professor ribeirinho é construída a partir da sua vivência na comunidade, do conhecimento das particularidades locais e da compreensão das necessidades educacionais dos alunos ribeirinhos. Esses professores são agentes de transformação em suas comunidades, sendo responsáveis por proporcionar uma educação de qualidade para crianças ribeirinhas, muitas vezes em condições precárias e desafiadoras.

A formação desses professores, muitas vezes, ocorre de forma diferenciada. Eles enfrentam dificuldades de acesso à formação inicial e continuada, devido à distância geográfica e às limitações de recursos nas comunidades ribeirinhas. No entanto, esses profissionais buscam alternativas para aprimorar seus conhecimentos, como cursos online, troca de experiências com colegas e participação em eventos educacionais regionais.

Barroso (2007) considera que a formação precisa ser igual as mudanças que os docentes necessitam introduzir na sua atividade prática profissional, na gestão do currículo, nos métodos pedagógicos e no relacionamento com o estudante, possibilitando a relação da formação científica e pedagógica. Além disso, a identidade profissional do professor ribeirinho é construída a partir da relação estabelecida com a comunidade.

Esses professores são reconhecidos como membros ativos da comunidade



ribeirinha, sendo respeitados e valorizados por sua dedicação e comprometimento com a educação. Possuem forte vínculo com os alunos e suas famílias, conhecendo suas necessidades e particularidades, o que os auxilia na construção de uma prática pedagógica contextualizada e significativa.

Nesse contexto, a identidade profissional do professor ribeirinho também está relacionada à resiliência e capacidade de adaptação. Boa parte enfrenta desafios diários, como a falta de infraestrutura adequada, a falta de recursos pedagógicos e a dificuldade de acesso a materiais didáticos. No entanto, esses professores não se deixam abater por essas dificuldades, buscam soluções criativas e inovadoras para superá-las e garantir uma educação de qualidade aos seus alunos.

Portanto, a construção da identidade profissional do professor ribeirinho acontece através da vivência na comunidade, da formação adquirida, do reconhecimento e valorização pela comunidade e da capacidade de enfrentar e superar desafios. Representam uma verdadeira força transformadora, contribuindo para a promoção do desenvolvimento e da inclusão educacional nas comunidades ribeirinhas.

Compreendemos que o conhecimento a ser obtido, precisa ser aquele indispensável o método do professor com o objetivo do esforço da busca expresse aprendizagem docente e discente conforme o aprimoramento de uma práxis profissional, levando ao processo educacional. Desse modo, a corporação também passa a ser o ambiente de formação profissional.

De acordo com Tardiff (2012, p. 39), "à docência se desenvolve num espaço organizado que é preciso avaliar", desta forma, um ambiente de exercícios humanos em que a subjetividade se encontra presente e descreva os valores, as ações e alternativas presentes no dia a dia.

Contribuindo com esse pensamento, Feldmann (2009) afirma que:



Pensar a formação de professores e sempre pensar a formação do humano e, nessa perspectiva, se vislumbra a construção de mudança em qualquer que seja o seu espaço de ação. Mudança entendida como aprimoramento da condição humana, como liberdade de expressão e comunicação e como desenho de possibilidades de um mundo melhor, de uma melhor convivência entre as pessoas (p. 71).

São construções sociais em constante transformação. Isso significa que, na escola ribeirinha da Amazônia, as diferentes questões culturais, como gênero, sexualidade, etnia, raça, classe e nacionalidade, estão sendo impactadas e reinterpretadas de maneiras distintas das estruturas sociais tradicionais. Essa realidade tem contribuído para a criação de novas formas de representação e valores, rompendo com a noção de “identidades fixas”, estabelecidas e inquestionáveis, que antes eram consideradas como “corretas e integras.”

Portanto, as identidades estão em constante movimento e sujeitas a alterações, refletindo as mudanças e transformações da sociedade atual. Nessa linha de pensamento, define-se que as identidades são voláteis, motivo de estarem em constantes movimentos e sujeitas às alterações, pois, conforme Bauman (2005), afirma, as identidades:

[...] não têm a solidez de uma rocha, não são garantidas para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age –e a determinação de se manter firme a tudo isso são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade (p.17).

Esses novos olhares sobre a identidade docente surgem a partir de uma relação histórica e cultural estabelecida com os grupos sociais, destacando que as identidades não são permanentes, mas sim construídas e reconstruídas ao longo do tempo. Isso ressalta o quanto as identidades são influenciadas pelo contexto cultural, e não determinadas apenas por aspectos biológicos.

Além disso, a decisão do indivíduo e suas escolhas desempenham um papel fundamental na construção da identidade e no senso de pertencimento. A maneira como cada pessoa se posiciona, os valores que adota, as preferências que manifesta,



tudo isso contribui para a afirmação de sua identidade. Dessa forma, a identidade não é algo estático, mas sim um processo dinâmico que está em constante transformação e que reflete as escolhas e experiências de cada indivíduo.

Neste sentido, o território que envolve o docente contribuir para a ampliação e questionamento de sua própria identidade profissional, de valor significativo, que se apresenta um panorama enraizado com os aspectos históricos, sociais, econômicos, culturais e ambientais. São eles, os ribeirinhos, que habitando as várzeas, são donos de saberes e experiências que se evidenciam por meio de valores, costumes e crenças. Para tanto, Gonçalves (2010), conceitua:

O caboclo ribeirinho é, sem dúvida, o mais característico personagem amazônico. Em suas práticas, estão presentes as culturas mais diversas que vêm dos mais diferentes povos indígenas, do imigrante português, de migrantes nordestinos e de populações negras. Habitando as várzeas, desenvolveu todo um saber na convivência com os rios e com a floresta. A pesca é uma das atividades de seu complexo cultural. [...] O interessante é que esses amazônidas têm uma visão e uma prática nas quais solo, floresta e rio se apresentam como interligados, um dependendo do outro, dos quais todo um modo de vida e de produção foi sendo tecido, combinando essas diferentes partes dos ecossistemas com agricultura, o extrativismo e a pesca. São produtores polivalentes (p.155).

As características mencionadas no texto foram gradualmente adquiridas pelo povo ao longo do tempo, moldando sua identidade cultural. Em particular, a comunidade ribeirinha mantém uma conexão constante com os rios, adaptando seu modo de vida às peculiaridades do ambiente em que vivem. Essa relação de reciprocidade entre o povo e a natureza pode ser observada em seu cotidiano, onde a floresta desempenha um papel fundamental em suas atividades diárias, fornecendo sustento para suas necessidades básicas, no qual notou-se desde a chegada a Marina do Davi até o chão do âmbito escolar.

A PRÁXIS DOCENTE RIBEIRINHA

A educação ribeirinha ou educação no campo é uma modalidade de escolas que ficam em comunidades ribeirinhas e possuem suas particularidades e o seu



próprio calendário, tendo como motivo central, a cheia e a vazante que acontecem em períodos específicos do ano. Iniciando seu ano letivo em janeiro e finalizando suas atividades em meados de outubro.

Docente ribeirinho é conhecido por sua abordagem prática e dinâmica em sala de aula, buscando sempre relacionar a teoria com a realidade dos alunos que vivem na região ribeirinha, pois ainda não há um plano específico para essas escolas. Ao iniciar suas aulas, faz questão de contextualizar os conteúdos teóricos, relacionando-os às experiências vividas pelos alunos no dia a dia. Utiliza exemplos práticos, extraídos do cotidiano ribeirinho, para que os estudantes possam visualizar de forma concreta o que é ensinado. Valores, costumes e crenças. Nesse olhar corrobora Oliveira (2003), a respeito da identidade amazônica, afirma que:

[...] não existe uma cultura, uma identidade amazônica no singular. A concepção deste espaço é plural. As diferentes manifestações culturais trazem marcas do híbrido e da mestiçagem e reconhecem as presenças indígenas, africanas, libanesas, nipônicas, entre tantas outras (p. 86).

Uma vez que o conhecimento teórico é apresentado, é promovido atividades práticas que colocam os alunos em contato direto com os conceitos aprendidos. Por exemplo, em uma aula sobre sustentabilidade ambiental, os estudantes são levados a realizar uma pesquisa de campo para analisar a qualidade da água do rio que banha a região. Outra estratégia utilizada é a organização de visitas e passeios às comunidades ribeirinhas próximas. Durante essas atividades, os alunos têm a oportunidade de vivenciar na prática os temas abordados em sala de aula. Conversam com os moradores locais, exploram a biodiversidade local e aprendem sobre as técnicas de pesca e agricultura utilizadas na região.

Além disso, o Professor Ribeirinho incentiva o protagonismo dos alunos, estimulando-os a desenvolver projetos de aprendizagem que abordem problemáticas presentes na comunidade ribeirinha e possibilita aos alunos uma aprendizagem mais significativa, integrando teoria e prática de forma a tornar o conhecimento mais



próximo da realidade vivida por eles. Fortalecendo o vínculo entre a escola e a comunidade local. Nesse viés, Henriques, (2012) pontua a perspectiva de uma escola inclusiva:

Escola inclusiva é aquela que garante a qualidade de ensino a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades. Uma escola somente poderá ser considerada inclusiva quando estiver organizada, para favorecer a cada aluno, independentemente de etnia, sexo, idade, deficiência, condição social ou qualquer outra situação. Um ensino significativo é aquele que garante o acesso ao conjunto sistematizado de conhecimentos como recursos (p. 09).

As instituições escolares possuem um papel importante de mediação do conhecimento, que, além de escolarizar, abarca outras competências, nas quais se prepara os alunos para a vida, por meio do desenvolvimento de suas potencialidades.

METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa trabalha com hábitos, representações, ações e posicionamentos que vem a verificar a complexidade de situações e processos específicos e particulares individuais ou de um grupo. Esta abordagem é desenvolvida para a compreensão de fatos caracterizados de uma complexidade interna. Suas características apresentadas pela investigação qualitativa são diversas, podemos trazer como principais as mencionadas por Chizotti (1991), quando relata que o aprofundamento do pesquisador:

nos casos e contextos da pesquisa, a compreender, a observação nas emoções e sentimentos; a importância dos personagens como sujeitos que brotam práticas e conhecimentos; os resultados adquiridos de um trabalho vem da relação entre pesquisado e pesquisador; avaliar que todos os fenômenos adquiridos são igualmente importantes e relevantes; as manifestações e os ocultamentos, a ocasionalidade e a assiduidade, a interrupção e a constância, o silêncio e a forma da fala, a ruptura e a continuidade (p. 16).

Desta forma, podemos observar que não são apenas palavras e conversas. É todo um conjunto de expressões, opiniões e conduções sobre determinados assuntos,



o que aquele meio vem a significar, como é visto, vivenciado ou o impacto que aquele assunto, conversa (formal ou não formal) tem na realidade daquele indivíduo ou grupo. Pois através delas, consegue-se adentrar nos motivos e intenções, a partir dos quais as ações e relações adquirem significados.

A utilização da pesquisa qualitativa é, portanto, indispensável quando os temas pesquisados demandam um estudo fundamentalmente interpretativo. De acordo com Velho (1978):

[...] debatendo a assimilação da antropologia com os métodos qualitativos de pesquisa, afirma que a inclusão é inevitável quando o objeto de estudo não compõe imperfeição ou defeito dos métodos utilizados. Sendo o pesquisador componente da sociedade, compete a ele a capacidade e o cuidado de não admitir ou tomar como absoluto o seu próprio lugar e desta forma, transcender e se colocar no lugar do outro (p. 37).

Sendo assim, afirmamos que vivência no meio escolar durante as aulas e atividades da especialização e pós-graduação “Gestão de Projetos e Formação Docente”. No qual fui egresso e tive a oportunidade de acompanhar um pouco da rotina docente em sala de aula. Observando essa realidade, sentimos a necessidade de trazer a educação ribeirinha como temática de pesquisa para este trabalho científico.

O método empírico é caracterizado pelo momento atual em que a pesquisa está sendo feita, desta forma compreende à sua maneira específica de se desenvolver. Ele resulta em um aprendizado, tal como aprendemos situações através das experiências presenciadas e vividas, para obter um resultado significativo. O conhecimento empírico na sua maioria das vezes é questionável, pois em sua grande maioria resulta em uma subjetividade.

Desta forma, compreendemos por Demo, 1986, p. 21, que “a pesquisa dedicada ao tratamento da face empírica produz e analisa dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e fatural”. Valorizando o tipo de pesquisa e afirmações dos argumentos adquiridos na base de fatos. Os resultados devem estar atrelados a fundamentação teórica, que assumem impactos importantes na compreensão da



aproximação com a prática vivenciada.

Este trabalho se constituiu através das minhas vivências e experiências durante os encontros da pós-graduação. Registramos entrevistas em conversa não formal no qual questionamos os professores as perguntas que nortearão os subtópicos dos resultados: “Qual o significado de Educação Ribeirinha para você?”, “Qual o foi o seu maior desafio na Escola Ribeirinha?”, “Você sente dificuldades em adaptar o Plano Anual de Aula proposto pela SEMED para a realidade da Escola Ribeirinha?” e “Qual foi o principal desafio no processo formativo?”. Essas conversas foram na sala durante as atividades diárias com duas professoras da Educação Infantil, uma do 1º ano e um professor da turma do 5º ano.

Para manter o sigilo e ética da opinião de cada dos participantes da pesquisa optamos por não revelar suas identidades e o nome do âmbito escolar. Substituindo assim pelos nomes fictícios: Maria, Joana, Raquel e José. Após as entrevistas, foi realizada uma análise à luz dos de fundamentações teóricas.

Resultados e discussões

A educação ribeirinha ou educação no campo é uma modalidade de escolas que ficam em comunidades ribeirinhas e elas possuem suas particularidades e o seu próprio calendário. Segundo as nossas vivências na comunidade, a educação ribeirinha é uma educação que resiste em meio a grandes desafios. O poder público e a da Secretaria Municipal de educação, precisam olhar as particularidades do currículo de uma escola ribeirinha, e levar em conta no conteúdo programáticos às características da região e os sujeitos que ali vivem.

A visão de educação ribeirinho pelos/as professores/as

Quando se fala em educação ribeirinha, envolve-se a pluralidade; a diversidade, as diferentes condições de vida locais, de valores, de saberes, nas



práticas sociais e educativas. Sabe-se que o professor, de alguma forma, acaba trazendo a cultura do aluno para sala de aula. Dessa forma, qual o significado de educação ribeirinha para os professores? As falas dos professores a esse respeito foram:

Professora Raquel: A educação ribeirinha é um misto de desafios e entregas. Você se vê em uma realidade totalmente diferente do que se prepõe (na educação urbana). É sair de sua zona de conforto para atender as necessidades de alunos que possuem uma cultura no campo.

Professora Joana: São desafios, não é fácil, temos que atravessar o rio para chegarmos até a escola. Trazer materiais, trazer o que precisamos no dia a dia. Quando eu estava na faculdade, já tinha isso em mente de que se um dia eu fosse para a sala de aula, teria que ser na zona ribeirinha. Porque eu quero nem que seja um pouco contribuir na vida das crianças ribeirinhas. Eu acho injusto que as crianças da zona urbana tenham mais oportunidades que as ribeirinhas.

Professora Maria: Nesses 24 anos de caminhada. O que diferencia da escola urbana é a trajetória de início de ano letivo. Aqui iniciamos em janeiro devido a vazante e enchente, e terminamos em outubro (nesse período trabalhamos dois sábados letivos). Quanto na urbana é iniciado em janeiro e encerrado em dezembro (é importante diferenciar isso). Posso também dizer que a diferença principal é o trabalho desenvolvido com as crianças. As crianças colaboram mais e procuram ajudar você a desenvolver um trabalho diferenciado, na escola urbana é aquela correria e na rural temos mais tempo para conhecer o aluno, o aluno conhecer o professor e essa troca de experiências é muito positiva.

As falas dos professores Raquel, Joana e Maria destacam os desafios e particularidades da educação ribeirinha em comparação com a educação urbana. A professora Raquel ressalta a necessidade de sair da zona de conforto para atender às necessidades dos alunos que possuem uma cultura no campo. Isso mostra a importância de uma adaptação do professor ao ambiente e à realidade dos estudantes.

Esses relatos evidenciam o comprometimento e o esforço dos professores que atuam na educação ribeirinha, além de nos fazer refletir sobre as desigualdades de oportunidades entre crianças da zona urbana e ribeirinha. É fundamental valorizar e



apoiar esses profissionais que enfrentam desafios diários em busca de proporcionar uma educação de qualidade para todos.

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA ATUALIZAÇÃO DOCENTE NAS ESCOLAS RIBEIRINHAS

Em meio a paisagens deslumbrantes e uma realidade socioeconômica muitas vezes precária, os educadores ribeirinhos exercem um papel fundamental na formação dos estudantes. Eles se tornam verdadeiros agentes transformadores, pois além de ensinar, também inspiram e motivam os jovens a acreditarem em um futuro melhor. Desta forma, os professores foram indagados sobre qual o foi o seu maior desafio na Escola Ribeirinha?

Professora Raquel: O trajeto fluvial é um grande desafio. Porque não sabemos como o rio vai se comportar, e por ser distante das nossas habitações (moradias), com isso, estamos sempre nos deparando com situações ou tribulações. A energia e internet interferem no cotidiano, principalmente nas atividades de permanência no ambiente escolar. Além do calor, as aulas têm um tempo reduzido e saem mais cedo. As demandas: por ser área distante, tudo chega ou acontece após o calendário da área urbana. Formações, avaliações externas, currículo, RADM⁵.

Professora Maria: O Nosso principal desafio é a falta de energia (que começamos a ter esse problema recentemente), e o desafio maior de mim como professora é a questão das doenças tropicais da comunidade como gripe e malária. Essas doenças afastam muito os nossos alunos da sala de aula, elas ficam muito tempo ausentes da sala de aula. Então esse é o nosso maior desafio, porque quando mais tempo a criança fica ausente, quando ela retorna, o processo dela fica lento para acompanhar o que vem frequentes. Tem crianças que são muito frágeis para doenças. Esse é o nosso maior desafio, é como ajudar essa criança que fica tanto tempo afastada.

As falas das professoras Raquel e Maria refletem os desafios educacionais enfrentados em regiões remotas e de difícil acesso. O fato de dependerem de transporte fluvial para deslocamentos, por exemplo, acarreta em imprevisibilidade e tribulações, uma vez que o comportamento dos rios é incerto. Além disso, a distância

⁵ Relatório de Análise de Desvio de Metas (RADM), instrumento que utiliza o resultado da Avaliação do Desempenho do Estudante (ADE), para medir o nível da educação oferecida nas unidades de ensino.



das habitações e a interferência de fatores como energia e internet impactam diretamente o cotidiano escolar, interferindo nas atividades de permanência no ambiente escolar.

Outro desafio mencionado pelas professoras é a questão das doenças tropicais, como gripe e malária, que afetam os alunos da comunidade. Essas doenças levam à ausência prolongada dos estudantes na sala de aula, o que acaba prejudicando seu processo de aprendizado, à medida que eles têm dificuldades em acompanhar o conteúdo ministrado. A fragilidade de algumas crianças em relação a doenças também é mencionada como um obstáculo a ser superado.

CURRÍCULO VERSOS IDENTIDADE E CULTURA RIBEIRINHA

O currículo educacional é uma importante ferramenta para a formação das crianças ribeirinhas, pois visa promover o aprendizado e o desenvolvimento integral desses indivíduos. No entanto, é fundamental que o currículo esteja em consonância com as culturas desses alunos, a fim de valorizar suas tradições e promover a inclusão social.

A inserção da cultura ribeirinha no currículo educacional não apenas valoriza a identidade dos discentes, mas também promove a autoestima, a valorização do seu lugar de origem e o respeito às diferenças. É essencial que essas crianças sejam vistas como protagonistas de seu próprio aprendizado, tendo a oportunidade de contribuir para a construção do conhecimento por meio de suas experiências e vivências.

Neste sentido, durante o diálogo com o professor José da sala do 5º ano, tivemos como diálogo principal o SAEB, que esse ano (2023) a Semed adotou a prática de aplicação de simulados de 15 em 15 dias ao decorrer do ano letivo, e a colocação da escola caiu de 9º para o 13º lugar e tem como objetivo principal (indiretamente) voltar para a colocação anterior, porém, de acordo com o professor “a



Semed - Secretaria de Educação de Manaus, estabelece metas inalcançáveis, sugerindo de forma implícita, que busquemos resultados a todo custo”.

Outro principal ponto da práxis ribeirinha é o plano de aula, no qual é fornecido pela Secretaria de Educação buscamos relatos de quem realmente exerce esses planos, ou seja, os/as professores/as. Durante uma conversa com a professora do 1º período da educação infantil da escola, perguntamos se havia dificuldades em adaptar o Plano Anual de Aula proposto pela Semed para a realidade da Escola Ribeirinha, relatou que: “O plano que a Semed manda é o mesmo da zona urbana (não muda em nada) e acredito que cada professor/a aqui da escola tem a sua metodologia de trabalhar por cada um conhecer a sua turma e saber da necessidade dela.

Já a professora da turma de 2º período da educação infantil relatou que: “Ele não vem pronto, principalmente na educação infantil, em que trabalhamos com campo de experiências e aspectos. São atividades colocadas em práticas para fazer as crianças aprenderem informalmente. O que vem propostos para nós são apenas esses conteúdos de experiências, os 5 campos que temos que trabalhar na educação infantil. Agora! É o professor que vai procurar esses aspectos e fazer o seu planejamento de acordo com a sua turma. A educação infantil tem esse privilégio que somos nós os professores que vamos fazer o nosso plano de acordo com a nossa realidade”.

ESCOLA RIBEIRINHA - TERRITÓRIO E SUAS ADVERSIDADES

Os professores ribeirinhos enfrentam diversos desafios em seu trabalho no território ribeirinho. Essas regiões, junto aos rios e às águas, apresentam uma série de dificuldades que impactam diretamente no processo de ensino-aprendizagem. Um dos principais desafios é a difícil infraestrutura de transporte e acesso às comunidades ribeirinhas. Muitas vezes, os professores precisam utilizar meios de transporte fluvial, enfrentando condições climáticas adversas (fortes temporais e estiagem do rio) e a



falta de vias navegáveis adequadas. Essa dificuldade de acesso torna a logística do trabalho mais complexa e desafiadora.

Outra adversidade é a falta de energia elétrica em algumas comunidades, o que limita o uso de recursos tecnológicos em sala de aula. Sem acesso à eletricidade, muitas vezes as aulas acontecem mesmo sem energia o que em alguns períodos do ano é frequente durante a semana. Isso, torna difícil a utilização de equipamentos como computadores, projetores e internet, prejudicando a diversidade de recursos e estratégias pedagógicas.

Em relação ao deslocamento de residência até a escola, o Professor José relatou que “a viagem funciona como terapia diária, por conta de não haver trânsito às 6 da manhã até a Marina do Davi e o ter o rio como vista durante o trajeto no barco o porto de chegada e caminhar até a escola.” Ele cita essa como principal diferença do deslocamento para a escola urbana para a escola rural. Esse relato foi encantador, pois tínhamos ideias de que seria um trajeto mais trabalhoso e cansativo, porém existe um outro viés no olhar de uma vida menos agitada e sem o corre-corre estressante da vida urbana o que foi experimentado durante as viagens até a escola para assistir aulas da pós e pesquisa de campo. O agito da vida urbana de Manaus começa ao sair de casa as 5 da manhã pegar 2 ônibus até a Marina do Davi e esperar o barco às 7 horas e se perder o próximo é somente as 8 horas (geralmente sai de uma em uma hora).

Foi citado também que a falta do barco (por quebrar ou dar problema) acontece de vez em quando (não é recorrente).

Professora Raquel: O deslocamento é tranquilo, porém temos dificuldades para estacionar na Marina do Davi, por motivos de não sabermos se quando voltarmos os nossos veículos estarão no mesmo lugar ou não, há bastante furto de peças dos veículos também.

Professora Joana: Para mim, acho boa uma parte do trajeto; a parte que eu venho da minha casa até um certo perímetro, por eu vim refletindo, ouvindo música e planejando. Mas as dificuldades são: a questão de estacionar (na marina do Davi), é um problema porque não sabemos se quando voltarmos



o carro vai estar como pneu furtado ou murcho, se o carro vai estar arranhado ou se até se o carro vai estar lá, não há segurança alguma. Isso me faz refletir “será que vale a pena”. Já arrancaram o retrovisor de uma professora, já riscaram o carro de outra professora. Então passamos por esse tipo de situação. A travessia é complicada, sim, eu não vou dizer que é fácil. As vezes o banzeiro está forte demais e dar medo. A gente fica com receio de acontecer alguma coisa. Esse problema em específico faz eu pensar as vezes na minha remoção pra área urbana. Porque se eu morrer como vão ficar os meus filhos. Essa parte é complicada.

Professora Maria: A minha trajetória é complicada. Eu acordo 3:30 da manhã para deixar tudo nos conformes para os meus filhos (que ainda são crianças), saio da minha casa 4:45, porque tenho que estar 5:00 na parada (horário que o ônibus sai, chego na Marina do Davi 5:30 pra 6:00 estarmos saindo na lancha. O problema da lancha quebrada já foi um problema, mas hoje em dia não acontece tanto. Não perdemos mais tempo no rio com lancha quebrada.

Essas falas evidenciam as dificuldades enfrentadas no deslocamento até a Marina do Davi. O problema de estacionamento é uma preocupação constante, pois, não há garantia de que os veículos estarão seguros e intactos quando voltarem. Além disso, há relatos de furtos de peças dos carros, o que aumenta a insegurança. Também são mencionadas as dificuldades da travessia, com o medo do banzeiro e o receio de possíveis acidentes. A professora Joana chega a questionar se vale a pena continuar nessa situação, considerando a falta de segurança.

CONCLUSÃO

A identidade docente ribeirinha é uma construção complexa e multifacetada, que está intrinsecamente ligada à necessidade de reconhecer e valorizar as identidades sociais e culturais dos alunos. A análise dos discursos dos docentes pesquisados revelou que a identidade docente ribeirinha é moldada e influenciada pela realidade específica dos contextos ribeirinhos, onde as comunidades enfrentam desafios e adversidades únicas.

Nesse sentido, fica evidente que os docentes ribeirinhos reconhecem a importância de compreender e respeitar as identidades dos alunos, entendendo que



essas identidades estão intrinsecamente ligadas à sua realidade social e cultural. Isso implica em reconhecer e valorizar suas tradições, costumes, línguas e formas de expressão, promovendo um ambiente educacional inclusivo e acolhedor.

Além disso, os discursos dos docentes pesquisados também destacam a importância de uma abordagem pedagógica sensível e contextualizada, que considere as particularidades dos alunos ribeirinhos. Isso implica em utilizar recursos e estratégias de ensino que sejam relevantes e significativos para a realidade dos alunos, levando em conta sua vivência, experiências e interesses.

A conclusão que se pode tirar dessas análises é que a identidade docente ribeirinha é construída através do reconhecimento e valorização das identidades sociais e culturais dos alunos. Essa construção envolve um processo de reflexão e conscientização por parte dos/as docentes, tendo em vista a necessidade de se despir de preconceitos e estereótipos em relação às comunidades ribeirinhas.

O respeito e a valorização a diversidade cultural e social dessas comunidades, contribuem para o fortalecimento de suas identidades e para uma educação inclusiva e de qualidade. Somente assim poderemos oferecer uma educação verdadeiramente igualitária, que atenda às necessidades e demandas de estudantes ribeirinhos que promova o seu desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS

BARROSO, João. **A formação dos professores e a mudança organizacional das escolas**. In: FERREIRA (org.). Formação continuada e gestão da Educação. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHIZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez. 1991.

CONTRERAS, José. **Autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 5.ed. São Paulo: Atlas.



1986.

ESTEVÃO, Carlos A. Vilar. Organizações educativas, justiça e formação. *in*: FERREIRA (org.) **Formação continuada e gestão da Educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FELDMANN, Marina Graziela (Org.). **Formação de professores e escola na contemporaneidade**. São Paulo: Senac, 2009.

GONÇALVES, Carlos. Walter. Porto. **Amazônia, amazônias**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

HENRIQUES, Rosângela. Maria. **O Currículo Adaptado na Inclusão de Deficiente Intelectual**. 2012. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/489-4.pdf>. Acesso em: 17 maio 2023 às 22:37.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. de. **Cartografias Ribeirinhas: Saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazonidas**. Belém: CCSE-UEPA, 2003.

TARDIFF, Maurice. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários**. Revista Brasileira de Educação, jan./fev./mar./abr. 2000.

VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. In: NUNES, Edson de. Oliveira. (org.) *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar (1978).